

o HÓSPEDÉ NOTURNO

HEATHER
GUDENKAUF



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

AMOSTRA

UM



Agosto de 2000

Em 12 de agosto de 2000, Abby Morris, ofegante e com o suor escorrendo pela têmpora, se apressava em sua caminhada noturna pela faixa cinza da estrada de cascalho. Apesar das calças, da camisa de mangas longas e da espessa camada de repelente, os mosquitos sedentos pela carne exposta formavam uma auréola em torno da sua cabeça. Deu graças por haver o luar e a companhia de Pepper, sua labradora preta. Jay, o marido, não achava lá muito inteligente correr a esta hora da noite. Mas não havia nada melhor: entre trabalhar o dia inteiro, pegar o bebê na creche e ainda cuidar de todas as tarefas domésticas, o horário das 21h30 às 22h30 era só e verdadeiramente dela.

Não que Abby tivesse medo. Ela cresceu andando por estradas como essas. Estradas do condado cobertas de cascalho ou poeira e ladeadas por milharais. Nos três meses em que estavam vivendo aqui, nunca encontrou ninguém em suas caminhadas noturnas, o que lhe convinha muito bem.

— Roscoe, Roscoe! — Veio ao longe a voz de uma mulher. Alguém chamando o cachorro para passar a noite em casa, pensou Abby. — Rosss-coe! — A palavra se prolongou na cadência de uma canção irritante.

Pepper ofegava muito, a linguona rosa quase se arrastando no chão.

Abby acelerou o passo. Ela estava a quase meio caminho de sua volta de quase cinco quilômetros, no ponto onde o cascalho encontrava uma estrada de terra quase engolida pelos milharais. Virou à direita e parou de repente. À beira da estrada, a uns quarenta metros, via-se uma caminhonete. Subiu-lhe um frio pela espinha, e a cachorra olhou apreensiva para Abby. Decerto alguém com um pneu furado ou um problema no motor; deixou por ali a caminhonete para buscar depois, ponderou.

Retomou a caminhada, e uma tênue névoa encobriu a face da lua, mergulhando o céu na escuridão; era impossível saber se havia alguém sentado no interior do veículo. Abby inclinou a cabeça para ouvir o ronronar de um motor engasgando, mas tudo o que escutou foi a serenata de milhares de cigarras, que lembrava uma serra elétrica, e a respiração úmida da cachorra.

— Venha, Pepper — chamou Abby baixinho enquanto recuava alguns passos. Pepper continuou, o nariz próximo ao chão, seguindo um caminho em zigue-zague até os pneus da caminhonete. — Pepper! — chamou Abby rispidamente. — Aqui!

Ante a intensidade do chamado, a cabeça de Pepper se empertigou subitamente, e ela, relutante, parou de farejar e voltou para o lado de Abby.

Será que havia movimento atrás do para-brisa escurecido? Abby não sabia ao certo, mas não se livrava da sensação de que alguém a observava. As nuvens se dissiparam, e enfim ela avistou uma figura curvada atrás do volante. Um homem. Ele usava um boné, e, ao luar, Abby vislumbrou a pele pálida, um nariz ligeiramente torto e um queixo afilado. Só estava ali sentado.

Uma brisa quente murmurou pelos campos, esvoaçando os cabelos na nuca de Abby. Ouviu-se um farfalhar vindo da direita. Os pelos da nuca de Pepper se eriçaram, e ela rosnou baixinho.

— Vamos — ordenou Abby, recuando antes de se virar e correr para casa.

00h05

O xerife John Butler estava no deque apodrecido dos fundos, olhando o quintal, a madeira se deslocando e rangendo sob os pés descalços. As casas adjacentes estavam no escuro; os vizinhos e suas famílias adormeceram rápido. Por que estariam acordados? Um xerife morava logo ali, ao lado. Não havia por que se preocuparem.

Foi difícil recuperar o fôlego. O ar noturno estava quente, estagnado e pesadíssimo em seu peito. Cor de pólen, a lua de esturjão era gorda e pendia baixo, no céu. Ou seria a chamada superlua de morango? O xerife não se lembrava.

Os últimos sete dias foram tranquilos. Tranquilos até demais. Não houve roubos, acidentes graves com veículos a motor, explosões de laboratórios de metanfetamina nem denúncias de violência doméstica. Não que o Condado de Blake fosse um foco de ilegalidade, mas tinha lá sua parcela de crimes violentos. Não esta semana, porém. Nos primeiros quatro dias, deu graças pelo adiamento, mas então tudo lhe pareceu sinistro. Era estranho, inquietante. Pela primeira vez em vinte anos como xerife, Butler se viu realmente em dia com toda a papelada.

— Não vá pedir problemas emprestados — veio uma voz doce. Janice, 32 anos, a esposa de Butler, cingiu um braço na cintura do marido e pousou a cabeça em seu ombro.

— Não corro esse risco — respondeu com uma risadinha. — Eles mesmos vêm até mim.

— Então volte *pra* cama — falou Janice, puxando-lhe pela mão.

— Já, já entro — avisou Butler. A mulher cruzou os braços e lançou um olhar severo para ele, que ergueu a mão direita. — Mais cinco minutos. Prometo.

Relutante, ela voltou para dentro.

Butler correu a mão calejada pelo corrimão de cedro lascado. Era preciso substituir o deque inteiro. Demolir até a fundação para então reconstruir. Talvez amanhã ele fosse até a Lowe's em Sioux City. Se as

coisas continuassem nesse ritmo, teria muito tempo para reconstruir o deque. Quase bocejando, ele voltou para dentro, passou o ferrolho na porta e caminhou vagaroso, pelo corredor, ao encontro da cama e de Janice. *Mais uma noite tranquila*, pensou o xerife, *por que não curtir enquanto ainda é serena?*

00h30

O som de balões estourando arrancou Deb Cutter de um sono profundo. Mais um estouro, depois outro. Talvez crianças brincando com a sobra dos fogos de artifício de 4 de Julho.

— Randy — murmurou ela. Não ouviu resposta.

Deb procurou o marido, mas o outro lado da cama estava vazio, as cobertas ainda intactas e frias ao toque. Ela deslizou de debaixo dos lençóis, foi até a janela e puxou a cortina de lado. A caminhonete de Randy não estava estacionada no local de sempre, junto ao galpão de ordenha. A de Brock também tinha desaparecido. Ela olhou para o relógio. Passava da meia-noite.

Seu filho de 17 anos tornou-se um estranho para ela. Seu doce menino sempre teve um lado selvagem, que se revelou maldoso. Ele ainda faria algo de muito errado, ela tinha certeza disso. Brock nasceu quando tinham 18 anos e mal sabiam como cuidar de si mesmos, quicá de uma criança.

Deb sabia que Randy era duro com Brock. Às vezes, duro até demais. Quando ele era pequeno, bastavam um olhar severo e uma boa surra para devolver Brock aos trilhos, mas aqueles dias já tinham ficado para trás há muito. Agora, a única coisa que parecia chamar a atenção dele era um tapa na cabeça. Deb precisava admitir que, ao longo dos anos, Randy cruzou uma linha ou duas — distribuindo hematomas, lábios inchados e narizes ensanguentados. Mas depois sempre justificava o punho firme — a vida não era fácil, e, quanto mais cedo Brock descobrisse isso, melhor seria para ele.

E Randy ultimamente andava tão distante, tão ocupado. Não apenas ajudava os pais na fazenda, como também dava uma mão na reforma de outro antigo pátio com meia dúzia de construções decrepitas e uma granja de criação de suínos, além de tentar cuidar das próprias plantações. Ela mal o via durante o dia.

Deb tentava disfarçar, mas o ressentimento ficava preso na garganta. Obcecado. Eis o que Randy era. Obcecado por consertar aquela propriedade velha, obcecado pela terra. Sempre tinha a ver com a terra. As economias se iriam todas, e eles acabariam endividados para manter duas propriedades que não podiam bancar. Ela não ia aguentar muito mais tempo.

Ao longe, mais um estrondo reverberou. *Malditas crianças*, pensou ela. Desperta, olhou para o ventilador de teto que girava preguiçoso e esperou que o marido e o filho voltassem para casa.

1h10

A princípio, Josie Doyle, 12 anos, e sua melhor amiga, Becky Allen, correram na direção dos disparos. Só fazia sentido ir para casa — era onde estavam a mãe e o pai dela, além de Ethan. Lá estariam seguras. Contudo, quando Josie e Becky se deram conta do erro, já era tarde demais.

Afastaram-se do som e, de mãos dadas, correram pelo pátio escuro rumo ao milharal — seus caules, uma floresta alta e espinhosa, o único portal de proteção.

Josie estava certa de que tinha ouvido passos atrás delas e se virou para ver o que vinha à caça das duas. Não havia nada nem ninguém — apenas a casa mergulhada nas sombras da noite.

— Corre — instou uma Josie arfante, puxando Becky pela mão e empurrando-a para frente. Ofegantes, correram. Estavam quase lá. Becky tropeçou. Gritando, a mão soltou da de Josie. As pernas dobraram, e ela caiu de joelhos.

— Levanta, levanta daí — implorou Josie, puxando a amiga pelo braço. — Por favor. — Mais uma vez, ela se atreveu a olhar para trás. Uma réstia de luar revelou brevemente uma forma saindo de detrás do celeiro. Horrorizada, viu a figura erguer as mãos e mirar. Largou o braço de Becky, virou-se e correu. Só mais um pouco; ela estava quase lá.

Josie entrou no milharal assim que ouviu mais um tiro. Uma dor lancinante atravessou seu braço, arrancando-lhe o ar dos pulmões. Josie não parou, não desacelerou e, com sangue quente pingando na terra batida, continuou a correr.

AMOSTR

DOIS



Dias atuais

A tempestade se aproximava depressa, por isso Wylie Lark decidiu entrar na última vaga livre, na rua onde a mercearia de Shaffer se apinhava entre a farmácia e a pousada de Elk. Teria preferido dirigir até o mercado maior e mais bem abastecido, situado em Algona, mas nuvens já pesadas e cinzentas desciam sobre Burden.

Wylie saiu do Bronco, as botas rangendo sobre o sal de gelo densamente espalhado pela calçada, como se antecipasse a tempestade e os sessenta centímetros de neve esperados naquela noite.

Apreensiva, ela se aproximou das vitrines decoradas para o Dia dos Namorados. Rotos corações vermelhos e cor-de-rosa e cupidos armados de arco e flecha. Parou antes de abrir a porta. O estabelecimento de Shaffer era de propriedade familiar, guarnecido de produtos inferiores e uma seleção limitada. Era conveniente, mas entupido de intrometidos da cidade.

Até agora, sempre que Wylie entrou em Burden, se esquivou muito bem das interações com os habitantes locais; contudo, quanto mais tempo permanecia, maior a dificuldade.

Ao entrar, foi recebida por uma rajada de ar quente. Resistiu à tentação de tirar o gorro e as luvas e, em vez disso, colocou os fones de ouvido e aumentou o volume do podcast sobre crimes reais que andava ouvindo.

Como todos os carrinhos estavam em uso, Wylie pegou uma cestinha e começou a andar pelos corredores, os olhos fixos no chão. Começou a jogar itens dentro da cesta. Uma pizza congelada, latas de sopa, tubos de massa de cookie com gotas de chocolate. Parou diante da prateleira dos vinhos e correu os olhos pelas opções escassas. Um homem de macacão marrom e boné de marca de sementes verde e amarelo esbarrou em Wylie, fazendo-lhe escapar um fone da orelha.

— Opa, desculpa aí — disse ele, sorrindo para ela.

— Não foi nada — respondeu Wylie sem olhar nos olhos dele. Pegou rápido a garrafa de vinho mais próxima, e abriu caminho para se juntar à longa fila de pessoas no caixa.

A única atendente tinha cabelos castanhos, com vários fios grisalhos, que usava puxados para trás do rosto cansado e arrematados por uma presilha prateada. Parecia alheia aos clientes impacientes e ansiosos para chegar em casa. Passava cada item pelo scanner com uma lentidão de dar nos nervos.

A fila avançou. Wylie sentiu a forma sólida de alguém logo atrás de si. Virou-se. Era o homem do corredor dos vinhos. Suando sob o casaco, Wylie olhou para a atendente do caixa. Os olhos se cruzaram.

— Com licença — pediu Wylie, forçando passagem pelo homem e pelos demais clientes. Abandonou a cesta no chão e saiu correndo pelas portas. Foi agradável sentir o ar frio no rosto.

O celular vibrou no bolso; ela o pegou.

Era o ex-marido, e Wylie não queria falar com ele. Ficaria só amolando sobre a necessidade de ela voltar para Oregon e ajudar a cuidar do filho, buzinando que ela podia muito bem terminar o livro em casa. Deixou a chamada cair na caixa-postal.

Ele estava redondamente enganado. Wylie não conseguiria terminar o livro em casa. A bateção de portas e a gritaria com Seth, de 14 anos,

por ter chegado tarde em casa ou nem mesmo ter chegado eram uma frustração sem fim. Ela não conseguia pensar lá. Não se concentrava. E quando Seth, olhando para ela por debaixo dos cabelos desgrenhados, afirmou que a odiava e queria morar com o pai, ela comprou o blefe e o desafiou a ir.

— Ótimo. Que vá — retrucou, afastando-se dele. E ele foi. Como Seth não voltou para casa na manhã seguinte nem respondeu a nenhuma de suas ligações e mensagens, Wylie simplesmente fez as malas e zarpou. Era a saída fácil, ela sabia, mas já não conseguia aturar por nem mais um segundo a fúria e os segredinhos do filho. O ex podia muito bem passar uns dias cuidando disso. Exceto pelo fato de que os dias se transformaram em semanas e, depois, em meses.

Foi devolver o celular ao bolso, mas ele lhe escapuliu dos dedos e bateu no concreto, pulando até um sulco lamacento.

— Cacete — praguejou, curvando-se para pegar o aparelho da poça gelada. A tela estava estilhaçada, e o telefone, encharcado.

Ao entrar no carro, Wylie arrancou o gorro e tirou o casaco. Os cabelos e a camiseta estavam úmidos de suor. Tentou tirar a umidade do celular, mas sabia que, a menos que voasse para casa e o secasse, ele já era. Tocou inutilmente a tela rachada, esperando que acendesse. Nada.

A viagem de 25 minutos de volta para a fazenda pareceu levar uma eternidade, e ela estava de mãos abanando. Sem mantimentos, sem vinho. Seria preciso se contentar com o que tivesse na despensa.

Embora Wylie levasse apenas dois minutos para avistar toda a Burden pelo retrovisor, o que se estendia adiante era uma faixa negra e interminável de rodovia. Por duas vezes, ficou presa atrás de caminhões de sal, mas, quanto mais ao norte viajava, menos carros via. Todos estavam encafurnados, à espera da tempestade. Finalmente, ela saiu da rodovia principal e foi trepidando pelas negligenciadas estradas de cascalho que a levariam para a casa onde estava se hospedando.

Fazia seis semanas que Wylie habitava a zona rural do Condado de Blake, e o tempo tinha sido brutal. O frio gelava até os ossos, e ela não se lembrava de jamais ter visto tanta neve. Enquanto dirigia, passava por

cada vez menos casas e fazendas até que tudo o que via era um mar de branco onde outrora havia milho, soja e alfafa. Nem de longe sugeriam a vindoura explosão de dourado e verde dali alguns meses.

Wylie dirigiu mais vários quilômetros e desacelerou para contornar devagarzinho a nogueira que cresceu inexplicavelmente bem ali, no meio do cruzamento de duas estradas de cascalho, e, depois, para passar pela pequena ponte treliçada que atravessava o riacho congelado abaixo.

Quase duzentos metros adiante, a pista longa e estreita, ladeada por montes de neve da altura dos ombros, a levaria para casa. Passou pela fila de pinheiros altos que serviam de quebra-vento, dirigindo-se para o celeiro vermelho desbotado, agora coberto de branco. Saiu do Bronco em ponto-morto enquanto escancarava as largas portas do celeiro, que ela usava como garagem, entrou com o carro, desligou a ignição e enfiou as chaves no bolso. Fechou as amplas portas de madeira atrás de si e olhou para a vasta pradaria em volta.

Ouvia-se unicamente o vento que soprava cada vez mais forte. Wylie estava sozinha. Não havia nenhum outro ser humano em um raio de quilômetros. Era exatamente o que ela queria.

Do céu caía gelo. Eis a tempestade.

Wylie enfiou o celular danificado no bolso e dirigiu-se para a casa da fazenda.

Entrando, trancou a porta dos fundos, tirou as botas e calçou os mocassins forrados de lã. Ela correu até os armários, em busca de uma caixa de arroz para secar o celular. Não havia nenhuma. Precisaria consertá-lo ou comprar um novo. Wylie pendurou sua parca de inverno em um gancho do vestíbulo, mas ficou com o gorro na cabeça.

A fazenda era centenária e tão teimosa e resmungona quanto um velho rabugento. O aquecedor central estava roncando, mas não dava conta do ar frio que se infiltrava por entre as vidraças e sob as portas. Wylie pretendia ficar por apenas uma semana, duas no máximo. Contudo, quanto mais tempo ficava, mais difícil era ir embora.

A princípio, pôs a culpa no ex-marido e na briga que teve com Seth. Estava farta de discutir com os dois. Precisava se concentrar no livro atual, para finalmente terminá-lo.

Ela fez uma ligação, descobriu que a remota fazenda onde há vinte anos acontecera o crime estava desocupada, e decidiu fazer a viagem. A casa supria o básico: água e eletricidade. Sem Wi-Fi, sem televisão, sem filho adolescente a lembrá-la da péssima mãe que era. Ela estaria a quase 2.500 quilômetros de qualquer tipo de distração. Agora que derrubou e destruiu o celular, a única conexão com o mundo era o telefone fixo. Acabaram-se o seu acesso à internet, as mensagens, o FaceTime.

Trabalhava em seu quarto livro baseado em um crime real e não raro viajava para pesquisas, mas nunca tinha ficado tanto tempo longe de casa. Quanto mais Wylie permanecia em Burden, mais se dava conta de que havia algo mais ali, ou a esta altura já teria terminado o livro e voltado para casa.

Tas, um mestiço *coonhound*, já bastante idoso, levantou os olhos amarelos preguiçosamente, sem sair da sua caminha situada ao lado do radiador. Wylie ignorou o cão. Tas bocejou e, enfiando o longo focinho entre as patas, fechou os olhos.

O pôr do sol era só dali a três horas, mas a tempestade lançou uma cortina cinza sobre as janelas. Wylie percorreu a casa, acendendo as luzes. Arrastou do vestíbulo o que restava de lenha, colocou-a na lareira e acendeu o fogo. Torcia para que durasse a noite toda; não lhe agradava pensar em ir buscar mais lenha no celeiro.

Lá fora, a tempestade ganhava força, açoitando as janelas e cobrindo com uma camada envidraçada de gelo os ramos despelados das árvores. Seria lindo se Wylie já não estivesse tão cansada do inverno. Havia mais um mês e meio de frio, mais neve chegando, e a primavera era uma flor longínqua.

Wylie iniciou a rotina como em todas as tardes das últimas seis semanas. Circulou pela casa, verificando mais de uma vez se as janelas e as portas estavam trancadas, e fechou as persianas. Podia até preferir ficar sozinha, passando a vida a escrever sobre crimes hediondos, mas não

gostava da escuridão e do que espreitava lá fora tão logo se punha o sol. Abriu a gaveta da mesinha de cabeceira para ver se o seu revólver calibre nove milímetros ainda estava lá.

Tomou um banho rápido, na esperança de vencer o momento em que a água quente se amornava, e secou os cabelos na toalha. Vestiu uma meia-calça grossa, meias de lã, calças jeans e um suéter, e voltou para a cozinha.

Lá, Wylie serviu-se uma taça de vinho e sentou-se no sofá. Tas tentou subir para ficar ao lado dela.

— Deita aí — ordenou Wylie com ar distraído, e o cachorro voltou ao seu lugarzinho junto ao radiador.

Ela pensou em usar o telefone fixo a fim de ligar para Seth, mas o ex podia estar por perto e insistir em falar com ela. Já tinha ouvido essa ladainha antes.

Inevitavelmente, a conversa descambaria em palavras duras e acusações.

— Volte *pra* casa. Onde está com a cabeça? — urgiu o ex-marido em um dos últimos telefonemas. — Você precisa se tratar, Wylie.

Sentira algo se partir no peito. Uma pequena fissura, apenas o suficiente para saber que precisava desligar a chamada. Fazia mais de uma semana que não falava com Seth.

Wylie subiu os degraus com a taça na mão e sentou-se à escrivaninha do quarto que usava como escritório. Tas seguiu seus passos e deitou-se debaixo da janela. O quarto era o menor de todos, pintado de amarelo com adesivos da Major League Baseball perfilados nos rodapés. A escrivaninha se situava no canto, voltada para fora, de modo que ela via tanto a janela quanto a porta.

O manuscrito impresso na semana passada na biblioteca de Algona era uma pilha ao lado do computador, pronta para a última leitura. Ainda assim, porém, Wylie hesitava em encerrar o projeto.

Passou mais de um ano estudando fotos da cena do crime, lendo artigos de jornal e relatórios oficiais. Entrou em contato com testemunhas

e pessoas imprescindíveis à investigação, incluindo delegados e o antigo xerife. Até o principal agente do Departamento de Investigação Criminal de Iowa concordou em falar com ela. Foram surpreendentemente sinceros e lhe forneceram informações exclusivas sobre o caso.

Apenas os membros da família não falavam com ela. Ou já tinham morrido ou se recusaram. Não cabia culpá-los. Wylie passou horas intermináveis escrevendo, os dedos voando pelo teclado. Agora, o livro estava pronto. Tinha sua resolução; tão escassa quanto fosse. Identificaram o assassino, mas ele não foi levado a julgamento.

Wylie ainda tinha tantas perguntas sem resposta, mas este era o ponto-final. Precisava ler as páginas, fazer as revisões finais e enviar o manuscrito ao editor.

Frustrada, jogou a caneta vermelha sobre a escrivaninha. Levantou-se, espreguiçou-se e desceu as escadas até a cozinha, depositando no balcão a taça vazia. As mãos doíam de frio, mas ela estava determinada a não aumentar o termostato. Em vez disso, encheu a chaleira de água e colocou-a sobre o fogão. Enquanto aquecia, aproveitou as chamas para esquentar as mãos.

Lá fora, o vento açoitava e lamuriava-se pesaroso; minutos depois, a chaleira, uivante, uniu-se às lamúrias. Wylie levou a xícara de chá até a escrivaninha e sentou-se novamente. Afastou o manuscrito, e os pensamentos se voltaram ao próximo projeto que poderia assumir.

O que não faltava eram assassinatos medonhos. Tinha um mundaréu de opções. Muitos escritores de livros baseados em crimes reais escolhiam o assunto mediante as manchetes e o interesse público pelo crime. Wylie, não. Ela sempre começava pela cena do crime. Eis onde a história lhe infiltrava nas veias, e ela não soltava por nada.

Examinava as fotos tiradas nos locais do crime — imagens dos lugares onde as vítimas deram o último suspiro, a posição dos corpos, o rosto congelado na morte, o furor dos respingos de sangue.

Agora, as fotos que revia eram de um crime no Arizona. A primeira foi tirada de longe. Via-se uma mulher apoiada contra uma rocha cor de ferrugem, moitas áridas a rodeavam como uma coroa de flores, o rosto

inclinado, como a fugir da câmera. Uma mancha escurecia a frente da camisa.

Wylie reservou a foto e olhou para a próxima da pilha. A mesma mulher, mas agora de perto e sob um ângulo diferente. A boca contorcida numa expressão de muita dor. A língua para fora, preta e inchada. Cravado no peito tinha um buraco por onde dava para enfiar a mão, franjado nas bordas por pele grosseira a revelar ossos e cartilagem.

As fotos eram sanguinolentas, perturbadoras e uma fonte infinita de pesadelos, mas Wylie acreditava que, antes de mais nada, precisava conhecer as vítimas na morte.

Às 22h, Tas a cutucou com a pata. Juntos desceram as escadas; o cachorro se movia mais lentamente, as articulações emitindo um estalido áspero. Não tardaria para já não ser mais capaz de subir e descer as escadas.

O que será que o ex-marido diria quando Wylie lhe contasse que tinha adotado um idoso que estava sentado diante da porta da fazenda? Não importava quanto o enxotasse, o cachorro ficava plantado.

Wylie imaginou que ele fora abandonado pelos locatários que a precederam. Deu-lhe o nome Tas, abreviação de Itasca, o parque estadual onde encontraram o corpo das três jovens foco do seu primeiro livro baseado em crimes reais.

Ela não gostava muito de Tas, e o sentimento era recíproco. Pareciam ter chegado ao entendimento de que, por ora, precisariam se aturar.

Destrancou a porta da frente, abrindo-a apenas o suficiente para o cachorro sair, e fechou-a atrás dele. Ainda assim, o ar frio, a neve e o gelo se esgueiraram para dentro da casa, e Wylie estremeceu.

Passou-se um minuto, depois dois. Tas, nada chegado ao frio, costumava ser ligeiro em fazer as necessidades e logo arranhava a porta, para sinalizar que estava pronto para entrar.

Wylie foi até a janela, mas as vidraças estavam embaçadas e tinham lascas de gelo. Esfregou os olhos, ásperos de tanto olhar as fotos

granuladas, e apoiou as costas na porta para esperar. Não conseguiria pegar no sono até o nascer do sol.

As luzes piscaram, e o coração de Wylie entrou em pânico. Assustada, ela olhou para a lâmpada e prendeu a respiração, mas o brilho quente permaneceu firme. Acrescentou mais lenha ao fogo. Se acabasse a energia, os canos poderiam congelar, e ela teria nas mãos um problema daqueles. Wylie abriu um pouquinho a porta e espiou o mar de brancura; sem sinal de Tas, porém.

— Tas! — gritou na escuridão. — Aqui! — A chuva se transformou em chumbinhos que atingiram a casa, fazendo um incessante arranhar, como ratos. Wylie não conseguia ver além da luz fraca que se derramava de cima da porta. — Ótimo — murmurou enquanto enfiava a mão no armário para pegar um par de botas limpas, um casaco reforçado e uma das muitas lanternas que guardava pela casa.

Empacotada, ela saiu, cuidando para não escorregar nos degraus da varanda até o quintal da frente.

— Tas! — gritou novamente, irritada. Curvou os ombros ante o vento cortante e baixou a cabeça para se desviar das gotículas de gelo que lhe acertavam no rosto.

Caídos já vários centímetros de neve, agora havia sobretudo a chuva congelada, transformando o quintal em uma pista de patinação.

Outro laivo de inquietação percorreu Wylie. Camadas grossas de gelo ou de neve nas linhas de energia certamente acarretariam o colapso do sistema e a mais completa escuridão. Ela queria encontrar Tas e entrar o mais depressa possível.

Usando o corrimão da varanda para se firmar e o feixe da lanterna para guiá-la, Wylie foi andando devagar, gritando pelo cão. Espremeu os olhos na escuridão e apontou a lanterna em direção à trilha que levava à estrada. Duas órbitas sinistras e vermelhas reluziram de volta para ela.

— Tas, venha já aqui — ordenou. Ele baixou a cabeça, ignorando o comando.